

# CARAS

acj Nº 136 • SEMANAL • 4 DE ABRIL 1998 • PREÇO 200\$00

ÚLTIMA SEMANA  
PARA VOTAR NOS  
GLOBOS  
DE OURO 97  
E GANHAR  
ESTE BMW Z3



NO TRADICIONAL  
BAILE DA ROSA  
NO MÓNACO



STÉPHANIE JÁ NÃO CONSEGUE  
ESCONDER A SUA GRAVIDEZ



JOSÉ CARDOSO PIRES: A OBRA, OS PRÉMIOS  
E A FAMÍLIA DO PRESTIGIADO ESCRITOR

MARIA JOSÉ RITTA E JORGE SAMPAIO  
NA VISITA OFICIAL À ILHA DA MADEIRA

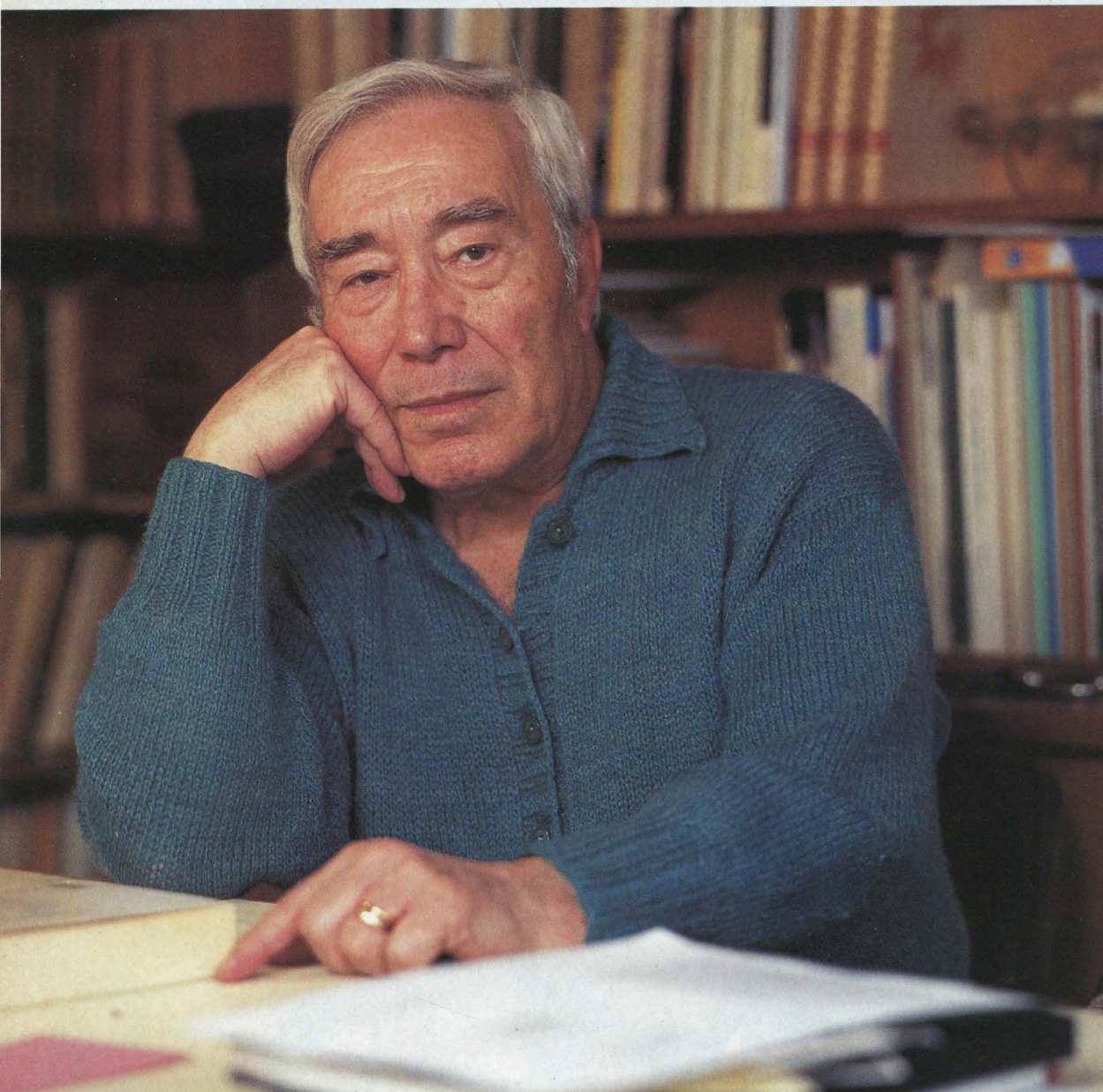
FINAL DO "CHUVA DE ESTRELAS": BÁRBARA  
GUIMARÃES FELIZ COM A VITÓRIA DE BRUNO





# JOSÉ CARDOSO PIRES

## EM BUSCA DA OBRA PERFEITA E DEFINITIVA



À direita, uma foto de família, tirada pelo fotógrafo Eduardo Gageiro, grande amigo do escritor. Com Cardoso Pires e Edite, a sua mulher há mais de 40 anos, estão as filhas, Rita, de 39 anos, e Ana, de 41, e os filhos desta: Joana e Rui.

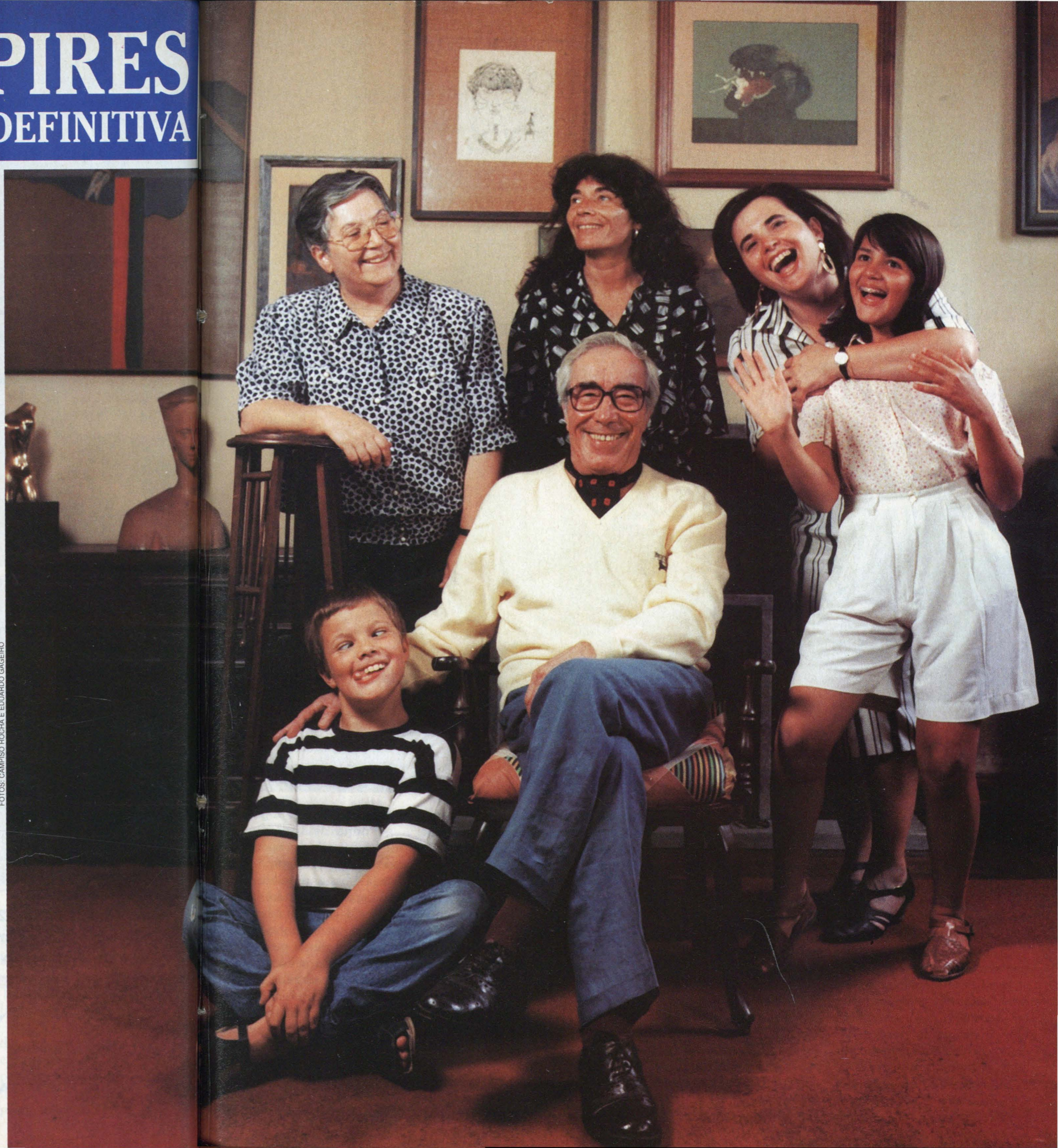
“O grande escritor é aquele que ama tanto a língua que a corrompe.”  
(J. Cardoso Pires)

por Marina Ribeiro

**D**efende que o escritor é um ser insatisfeito e incómodo. Detesta cafés e o mundanismo intelectual. Considera Portugal um dos países mais livres do mundo, mas mesmo assim não lhe chega: pretende que essa liberdade de direitos se estenda a todos os níveis. Se a sua obra fala do escritor, nada melhor do que conhecer um pouco da sua história, para tentar perceber o homem que existe por detrás de um passado literário que o coloca nas prateleiras das livrarias de quase todo o mundo, e que es-

te ano lhe granjeou várias distinções: Prémio Pessoa 97, no valor de oito mil contos; Prémio D. Dinis, da Fundação da Casa de Mateus; Prémio Vida Literária, da Associação Portuguesa de Escritores (cinco mil contos); e ainda o Prémio de Criação Literária 97, atribuído pelo Centro Português da Associação Internacional de Críticos Literários. A maior parte destes galardões homenageiam *De Profundis*, *Valsa Lenta*, livro que retrata a sua experiência após o acidente cardiovascular que lhe retirou a capacidade cognitiva e o privou de ler e escrever.

FOTOS: CAMPISO ROCHA E EDUARDO GAGEIRO







FOTOS: CAMPISO ROCHA E EDUARDO GAGEIRO

*“Nunca criei hábitos domésticos convencionais. A minha mulher já sabia como eu era, e que o meu desejo era ser escritor.” (Cardoso Pires)*

Em cima, na casa de Alvalade, junto aos retratos. O do escritor é da autoria de Júlio Pomar. Foi no ‘atelier’ deste que conheceu a mulher. Edite foi pintada por Alice Jorge.

O seu sucesso artístico é indissociável da sua mulher, **Edite Cardoso Pires**, enfermeira de profissão, e companheira de mais de 40 anos, que se manteve a seu lado nos bons e maus momentos, sendo um pilar importante da sua vida familiar.

– **O que é que distingue o artista do homem comum?**

**José Cardoso Pires** – Um escritor, enquanto artista, ou mesmo um investigador científico têm uma carga de utopia concreta, entendida enquanto conceito utilitário, que o cidadão comum não tem. E essa é a sua tragédia. Porque ambicionam a perfeição. Quando um escritor

escreve, é para fazer uma obra-prima, e quando acaba, tem sempre o desgosto de não a ter feito. A motivação essencial é o perfeito, uma obra definitiva. Escrevemos para nos renovarmos, é ainda uma procura de nós próprios. Eu, pelo menos, escrevo a pensar que vou dizer algo novo, a caminho de uma utopia que tenho. Daí o escritor ser socialmente um animal incómodo à política, com a qual tem desajustamentos permanentes.

– **Escreve, então, para completar esse mundo?**

– Escrevo a pensar que estou a renová-lo, a pensar que estou a contribuir para um mundo no-

vo, para se descobrirem os sentimentos entre as relações. O escritor é, por isso, um ser insatisfeito e incómodo.

– **O seu percurso levou-o até ao jornalismo. Em que é que a palavra jornalística se assemelha à palavra romanceada?**

– O que têm de muito próximo é a paixão pelo acontecimento. Um jornalista é um escritor, o que não impede que grandes jornalistas nunca tenham sido escritores. Caso do **Hugh Hefner**, que criou a *Playboy*, uma grande revista que tem, talvez, das melhores entrevistas do mundo. Apesar das *pin ups*. Se bem que estas *pin ups* são todas castas, vão

todas para o céu...

– **Porque diz isso?**

– Porque não têm nada de pecado. Felizmente, o corpo da mulher já é bastante público, está bastante desmistificado, e o mesmo se passa com as relações sexuais. Isto para dizer que a primeira condição, a meu ver, da Imprensa, é ser-se escritor. Se o jornalista for escritor, sabe escrever o que é fundamental. Depois, tem de ter imaginação, pois sem ela não se pode ser nem escritor, nem jornalista, nem leitor. O pior leitor é o que não tem imaginação. O livro não é o que lá está, é o que a pessoa imagina. O livro é escrito por quem lê.

– **De que forma a sua vida e a sua arte se interligam?**

– A minha vida familiar foi sempre bastante liberal, viajava e saía muito. Quando me casei, já não tinha um emprego de horas fixas, tinha uma liberdade muito grande, e nunca criei hábitos domésticos convencionais. A minha mulher, quando se casou comigo, já sabia como eu era, e que o meu desejo era ser escritor a tempo inteiro. No meu caso, não gosto de escrever em Lisboa, nem de ter pessoas à minha volta. Para tal, tenho uma casa na Caparica, a 50 metros do mar, e é para lá que vou. Gosto de estar sozinho.

– **É fácil manter uma vida de casado tão longa?**

– Sim, penso que sim.

– **Para isso contribuiu, certamente, a compreensão da sua mulher...**

– Sim, a minha mulher era irmã de um artista, escultor, e, por isso, foi mais fácil.

– **É difícil viver com um homem que defende ter tido sempre hábitos liberais?**

– **Edite Cardoso Pires** – Às vezes é. Depois cria-se um hábito e uma maneira de estar na vida. É preciso encontrar a compreensão e o caminho. Mas o nosso casamento tem sido feliz, com os altos e baixos normais que to-

da a gente tem. Por vezes, ele é um bocadinho impaciente, enervava-se e irritava-se. Cabe-me a mim deixar passar.

– **De que forma o acidente cardiovascular alterou a sua vida?**

**J.C.P.** – O que eu tive foi a chamada morte cerebral. Tive uma sorte muito grande, pois aquilo é muito pouco explicável. Foi algo que não me deixou marcas. Desaparecemos e depois aparecemos. Não sofri nada, não dei por nada. Quem esteve morto foi a minha família, os meus amigos. Estive nesse estado durante 15 dias. Fiquei com uma admiração, um amor e uma pai-

xão enorme pela ciência. A minha vida, depois, não sofreu alterações, porque não senti a desgraça dos outros. Este tipo de morte resulta na perda total da memória, não se vê. Quem não tem memória não relaciona. Não reconhecia a minha mulher, nem as minhas filhas, não sabia o meu nome, não sabia ler nem escrever, nada. Por isso era incapaz de me aperceber das coisas. Ainda segundo me dizem, gostava muito de andar pela mão da minha mulher. Portanto, não tive consciência nenhuma do sofrimento dos outros, nem do meu, não fiquei traumatizado. Costumo dizer que aquilo foi uma mor-



Cursou Matemáticas Superiores, mas foram as letras, e não os números, que determinaram todo o seu percurso, que ficou marcado por uma valiosa incursão no jornalismo, abandonado em 1974.



te amável. Preferia morrer assim, pois se é doloroso para os outros, para mim não é.

– **Alguma vez sentiu a necessidade de estar próximo de alguma religião?**

– Fui católico até cerca dos 14 anos, agora sou agnóstico.

– **Esta experiência não o aproximou...**

– Não, não. Não encontrei o S. Pedro, não me cumprimentou, nem mandou nenhum representante falar comigo.

– **É comum ver-se a figura do artista como alguém que cria o seu próprio mundo à parte. Isso acontece consigo?**

– No meu caso não é. Não tenho saudades de mim, não me mitifico.

– **Todos os dias tem de escrever?**

– Infelizmente, sou anarquista como escritor, não tenho regras.

Apenas não bebo, nem mesmo vinho às refeições. A alegria do escritor é estar sozinho e resolver-se a si próprio.

– **O facto da sua mulher ser enfermeira tem-lhe facilitado a vida?**

– Num aspecto, como tenho horror a doenças e não posso ver sangue, tenho aversão a essas coisas, ela é ótima, pois tira-me um bocado o pânico.

– **É costume pensar-se nos artistas enquanto pessoas caprichosas e diferentes. É o caso do seu marido?**

Edite – Caprichoso não é, mas, de certo modo, os artistas têm uma visão diferente das outras pessoas. No caso do meu marido, não tem muito o sentido prático das coisas do dia-a-dia. Não se coaduna nada com as coisas comezinhas da casa. Mesmo no que respeitava à educação das

filhas, eu fui sempre a retaguarda. Mas julgo que isso se deve à sua maneira de ser, e não ao facto de ser escritor.

– **Nos últimos tempos, o papel de enfermeira tem-se sobreposto ao papel da mulher, ou têm sido situações sempre complementares?**

– Não. Actualmente, nem complementar. Quando ele esteve doente, tinha de ter uma actuação um pouco diferente, mas não como enfermeira, e mais como alguém que compreendia e acompanhava a situação. Foram momentos difíceis.

– **Sente orgulho por ser a companheira de tão prestigiado nome da literatura?**

– Sinto, no bom sentido da palavra. Gosto muito de ser a sua companheira. Acredito nele como escritor e sinto-me muito feliz com o seu sucesso.

– **Quando ele sai para escrever, sente-se sozinha?**

– Sou uma pessoa que se preenche bastante. Não tenho necessidade de estar com muita gente. Por vezes, é no meio de muita gente que me sinto mais sozinha. Leio muito e faço tricô para os netos. No fundo, sou eu quem centraliza a família.

– **O seu marido tem horários rígidos?**

– Não tem hábitos, nem uma vida disciplinada, com horários. Gosta muito da noite e de se deitar tarde. Trabalha de noite e gosta de sair para estar com os amigos. Ele é muito independente. Eu não sou nada noctívaga, e à noite não costumo sair com ele. Não porque não me queira levar, mas porque, depois de uma certa hora, faço sacrifício. Como não fumo nem bebo, acabo por me aborrecer.